

A DOCUMENTAÇÃO DE INSTRUÇÃO NA TROPA

Pelo Cap. JOSÉ HORACIO GARCIA

Como sabemos existe a documentação regulamentar, aquela a quem da qual é transgressão ficar: aquela mínima, que a experiência mostrou e que os regulamentos sancionam; peças imprescindíveis na máquina geral, nas oficinas particulares, que são os regimentos, os grupos e as baterias, as companhias, os esquadrões respectivamente, peças diretoras, de orientação, fiscalização e aprovação ou correção; peças de execução, necessárias ao bom rendimento do trabalho, elemento de previsão, de acionamento direto, que evita os males da improvisação e permite uma sequência metódica, regressiva e à propósito dos ensinamentos, qualquer que seja a categoria do instruendo.

À fora esta documentação, podem existir elementos auxiliares, afim de facilitar o controle, como sejam quadros, gráficos, etc... Exemplifiquemos: pode-se e será muito útil representar por um gráfico, os resultados das revistas de armamento feitas mensalmente por um fiscal administrativo da unidade ou por um comandante de sub-unidade. Não se deve negar, é um meio seguro de controle e de incentivo, e não apenas uma "visagem" como se diz na gíria.

Tratado em linhas gerais do mínimo, passemos aos excessos prejudiciais.

Que excessos ?

--- em quantidade e qualidade.

Um quadro, um esquema, um gráfico, um mapa para cada coisa, gesto, operação... Programas-volumes, quadros de trabalho multi-cores, sessões de instrução datilografadas e enfeitadas, etc...

Mas, tudo isto pode existir desde que o essencial não sofra: compete ao chefe julgar e coibir.

Conhecemos o “comandante-dona de casa”, aquele para quem o soalho do quartel é tudo, as paredes quasi tudo; conhecemos o comandante de sub-unidade para quem a apresentação é o objetivo único, aquele que briga mais porque o sapato está sujo, porque não vê o colarinho, que por uma falha grave na instrução; conhecemos aquele para quem o quadrinho, a “fita”, o que possam dizer, a casca, a aparência a fachada é o supra; a instrução, a poeira, o suor, o campo, a saúde do homem, da montaria ou do motor, o estado do material, a capacidade para a ação pronta e eficiente, quasi nada.

Há muitos tipos assim unilaterais como podíamos chamar.

Mas, ainda o “mas”, há quem só veja isto, há quem cujos olhos se deslumbrem deante de uma botina brilhante, de um quadro multicor, etc. . . .

Não desconhecemos a necessidade do soalho limpo, do sapato limpo, da parede limpa, não desconhecemos o valor do quadro, do diagrama, mas condenamos o excesso principalmente em detrimento do essencial, do mais prático, do mais simples, mesmo do mínimo: — marcha-se bem, faz-se um olhar à direita deslumbrante, mas se aproveita mal o terreno, emprega-se mal o armamento, galopa-se quando se devia trotar, em síntese, não se está em condições de cumprir a missão mais simples, que é o essencial, que é o prático, que é o real. . .

E' comum, já ouvimos e já vimos, *o quadro, o gráfico* que não corresponde à situação de fato, *o programa* que não é cumprido e nem fiscalizado, *o fichario-vitrine*, só para vê e mostrar, mostrar às autoridades, não aos que realmente o devem utilizar, *o livro registro de instrução* que poderíamos chamar de registro dos quadros de trabalho do capitão e não da instrução ministrada, *as sessões de instrução*, feitas e guardadas sómente para os dias de festa, como também sabemos *das limpezas de armamento e de cavahada* para as visitas marcadas, como ainda *das roupas de cama e do material em geral* que só sai dos depósitos em determinados dias para produzir determinados efeitos. . .

Isto é o fitício, isto é o deshonesto. . .

Uma tropa instruida mostra-se particularmente n'um exercício de campanha, n'uma parada apenas se vê a parada que foi preparada.

Um exercício de campanha por exemplo de cavalaria, exige em geral um deslocamento e se neste pedir-se para um esquadrão uns minutos de trote na estrada, ter-se-á, conforme o caso, ou o efeito de

uma chuva numa fantasia de papel ou sinais de algo animador: — sereno se escoará na estrada longa tudo se passando naturalmente, repetição do que se vinha fazendo quasi semanalmente ou desarticular-se-á, cavalos galoparão, soldados ficarão na estrada atrazados, perderão perneiras, peças do equipamento tocarão sinfonias loucas, os oficiais esbravejarão tentando conseguir de seus homens e cavalos aquilo para que não os prepararam, o próprio chefe na ancia louca de comandar, de conseguir coesão talvez caia do cavalo, as viaturas quasi não sairão, a cozinha funcionará mal, queimando o feijão e o arroz, por fim no estacionamento, completar-se-á a impressão já precisa sobre o grau de instrução da tropa, homens ferverão agua nas marmitas, baterão estacas com a coronha de suas armas, cavalos enredar-se-ão no tronco, outros assustar-se-ão do bernal, todos sestearão antes dos cuidados preliminares com a cavalhada, uns lavarão roupa acima do bebedouro, por fim, talvez ainda o capitão adoença antes do exercício tático...

Eis um meio seguro de verificação, raramente isto tudo acontece por azar...

Aí temos algumas das razões pelas quais a documentação de instrução em que inspira desconfianças... mas deante de uma verificação como a que sugerimos ruirá facilmente o castelo de cartas dos fichários fíctios, como o programa volumoso que prevê coisas inexequíveis, deante de um chefe curioso que se apresente a hora prevista no programa para assistir uma instrução que não foi preparada, que ali estava porque constava do programa original ou apenas para causar efeito num autoridade distante...

A organização da documentação não deve prejudicar a instrução; a máquina deve ser montada nas férias ou durante a época de instrução em horas suplementares ou mesmo crear-se paulatinamente...

O que não se justifica é chegar-se ao fim do ano de instrução com uma documentação muito completa e uma tropa mal instruída; em geral, a documentação feita de afogadilho, a documentação pouco trabalhada, é falha, não satisfaz.

Sejamós práticos, mas não ao ponto de desprezar a instrução, sua metodização que é a organização; não ao ponto de nos convencer que o "lessez faire" dará melhores resultados.

Precisamos estudar com carinho os processos de instrução, metodização e simplificação empregados em geral e deles deduzir, deante do

nosso homem, com seus costumes, seu físico, com sua cultura, processos nossos.

É coisa decidida que devemos ser práticos, só o simples dá resultado e quanto mais bruta a matéria prima de que o instrutor se servir, mais objetiva sua instrução deve ser.

Sobre este ponto "ser prático e objetivo", já uma vez contamos que um recruta após 20 dias de aprendizagem, tantas coisas novas lhe tinham ensinado e tantas correções lhe tinham feito, que uma dia estancou deante de uma porta fechada, e interrogado, declarou que não sabia se aquela porta se abria como as outras.

Ainda sobre a questão acima, uma observação interessante aos instrutores é a relativa ao aproveitamento dos conhecimentos que o homem já possui, quer fazendo comparações, quer aproveitando sua prática num determinado trabalho semelhante a uma qualquer operação de instrução. É necessário que os ensinamentos ministrado pelo monitor ou instrutor venham em reforço às tendências naturais do instruendo, provenientes de seus hábitos quotidianos ou trabalho a que se dedicava.

Todos conhecemos o desembarço com que o gaúcho anda no campo e já observamos que o acúmulo de observações e regras para andar, conduzir sua montada, etc., em geral tolhem nele aquela iniciativa e aquele desembarço naturais.

Tudo nos indica que selecionar a materia e aproveitar o tempo.

Particularmente na instrução dos graduados e especialmente na de formação dos oficiais da reserva, precisamos nos apresentar práticos, sem rodeios, tocando logo e diretamente os pontos capitais.

O aluno candidato a oficial da reserva é uma matéria especial e que deve ser moldada por mãos seguras e sábias. Recordar-se estas matérias plásticas no trabalho das quais o operador tem um tempo determinado para ultimar seus retoques: consolida-se rapidamente, quero dizer apreende facilmente. Daí a exigência das mãos sábias.

Mas só pode ser prático aquele que tem experiência, que está perfeitamente senhor do assunto que vai ensinar; prática não se aprende nos livros, nem se compra nos armazens ou lojas.

Dai, dever uma preocupação das escolas de aperfeiçoamento, inculcir este espírito no aluno; dande uma necessidade premente de retirar o conceito de "apresentação" de determinados trabalhos, passando mesmo a ser uma parcela negativa.

Exemplifiquemos: pede-se a redação de um quadro de trabalho para uma determinada semana de instrução n'um esquadrão, companhia, etc.

Em geral todos os alunos se esforçam por apresentar um trabalho perfeito particularmente na forma, trabalho datilografado, com uma bela capa de cartolina às vezes até impressa, letras variadas, colunas multicores, em síntese um trabalho no qual não perdeu menos de um dia, quando na realidade não teria mais que duas horas no máximo.

Claro é que isto não é prático; mas é preciso que os instrutores nas suas correções mostrem realmente o que deve ser, uma coisa simples: na qual gastem no máximo, uma média de hora e meia de trabalho, realmente como se faz no corpo, que levem em conta no julgamento o trabalho em si e não os enfeites, as capas, os desenhos e às vezes até as dedicatórias... e não justamente o contrário, o que vai constituir por seu exemplo um incentivo a maiores complicações; bem sabemos e algumas vezes já praticamos, que é comum o instrutor formular uma questão para ser resolvida em uma hora e num determinado espaço de papel, apresentando depois uma solução na qual perdeu duas horas e gastou o dobro do papel...

São alguns aspectos da questão...

